

Saudades de Luiz Celso Mattosinho França

Guido Arturo Palomba

Relembro aqui seis distintos momentos com Mattosinho. No primeiro, ainda estudante de Medicina, ouvia falar de Mattosinho como o máximo expoente da Patologia brasileira. Se houvesse alguma dúvida sobre resultado de exame de anatomia patológica, a última palavra era a sua.

O segundo momento se deu vinte anos depois, quando entrei na Academia de Medicina de São Paulo e vi que o Mestre era humano e não apenas um ícone idolatrado da minha profissão.

Luiz Celso Mattosinho França se tornou o meu querido amigo Mattosinho.

Para logo percebi uma pessoa inteligentíssima, que gostava de conversar sobre qualquer assunto, e o fazia com grande sagacidade e ideias próprias, fosse qual fosse o tema da conversa.

Aí veio o terceiro momento, início deste século, marcado pelas disputas na Academia de Medicina de São Paulo. Sempre estivemos unidos a comungar dos mesmos ideais. Mattosinho presidiu a Academia em conjuntura conturbada, sem nunca se desviar do maior e único princípio: a Academia acima de todas as coisas!

O quarto momento me deixou deveras orgulhoso. Mattosinho não era somente uma glória viva brasileira, mas também o campeão mundial e imbatível em um fato: desafio o leitor a mostrar trabalho de Anatomia Patológica com mais casos clínicos examinados, superior aos 1.187.380 analisados pelo Mattosinho. Em outras palavras, são quase um milhão e trezentas mil lâminas (com laudos anatomopatológicos) guardadas, desde a primeira até a última, e posteriormente reunidas em livro, tudo digitado, catalogado, estudado estatisticamente pelo Mestre, em face dos diagnósticos estabelecidos.

O quinto momento diz respeito ao imenso prazer de tomar *whisky* juntos, em várias reuniões e festas na Academia de Medicina de São Paulo e na Associação Paulista de Medicina. Boa bebida, muita cultura geral e capacidade de reconhecer as mais distintas opiniões. Se houvesse refregas, sempre animado; se imperasse a dúvida, buscava a solução com verve e com talento.



Em torno de sua presença, muito festejada, gravitavam amigos e admiradores. Mattosinho tinha uma espécie de ímã, na verdade, aura que o nimbava de largo carisma pessoal.

O sexto e último momento remonta a três dias antes de ele ser internado para morrer. O encontro se deu em uma festa na APM, na Pinacoteca, ocasião em que tomamos um drinque e conversamos longamente. Dias depois telefonou-me dizendo: "estou no hospital, acho que desta vez não escapo".

Sabia que o fim se aproximava, mas sempre lúcido, consciente e espirituoso, e foi assim até a última UTI.

Morreu um dos maiores médicos do Brasil e do mundo. Madeira de lei, roble frondoso que tomba, mas deixa sementes em forma de livros e de seguidores acadêmicos. Deixa também, em torno da grande clareira aberta, muitas árvores que choram.

Guido Arturo Palomba

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo e
Diretor Cultural da APM

Analogias em Medicina (n. 39)

Gigantes de Betz

Gigantes são figuras comuns em lendas e folclores, sendo caracterizados como humanos ou humanoides de grande tamanho. Graças à sua grande estatura, são atribuídas aos gigantes força e resistências incomuns. O conceito de gigante (Gr. **gigas** + **antos**: homem de estatura descomunal) tem origem na mitologia grega: ser fabuloso e de imensa estatura, que, em suas lutas contra os deuses — a chamada Gigantomaquia —, só podia ser vencido pela ação conjugada de um deus e de um homem.

A Bíblia descreve a luta entre o gigante Golias e o jovem Davi. O primeiro, segundo muitos estudiosos, sofria de gigantismo por causa de um adenoma da hipófise, produtor de hormônio do crescimento e, como ocorre nessa doença, há distúrbio visual pelo comprometimento do quiasma óptico. A pedra lançada por Davi penetrou no osso frontal de Golias com provável osteoporose, que também faz parte do gigantismo. Davi levou muita vantagem na luta contra o filisteu patológico. A derrota de Golias pelo jovem Davi pode ser atribuída a um macroadenoma hipofisário secretor de GH e aos distúrbios visuais associados.

A medicina utiliza o substantivo "gigante" em várias condições mórbidas.

Em seguida, alguns exemplos:

- no sistema cardiovascular temos: aneurisma gigante, arterite e miocardite de células gigantes;
- nos tecidos moles e no esqueleto: tumor de células gigantes, ósseo e de bainha tendínea; fibroblastoma; os cristais de urato na gota são rodeados por histiócitos e numerosas células gigantes multinucleadas;
- nas doenças inflamatórias: granulomas com células gigantes multinucleadas (tipo Langhans e de corpo estranho); certos tipos de hepatite, tireoidite, hipofisite e pneumonia de células gigantes;
- no estômago: gastropatia hipertrófica/hiperplásica gigante (Doença de Ménétrier);
- em tumores e lesões pseudotumorais: condiloma, fibroadenoma e ceratoacantoma gigantes; epúlide e granuloma reparativo de células gigantes;
- em oncologia: carcinoma brônquico, astrocitomas e tumores tireoidianos, além de outros, todos do tipo células gigantes;
- na pele, temos o nevo congênito gigante e a urticária gigante;
- na hepatopatia alcoólica podem surgir as chamadas mitocôndrias gigantes;
- em mastologia, mamas com hipertrofia maciça recebem a denominação de gigantomastia;
- no sistema linfático: hiperplasia linfóide gigante ou doença de Castleman;
- no sistema nervoso: neuropatia axonal gigante; glioblastoma gigantocelular;



Vladimir Alekseyevich Betz

— na endocrinologia, em casos de hipersecreção de hormônio do crescimento (GH), principalmente por adenomas da hipófise, antes do fechamento das cartilagens de crescimento, ocorre gigantismo, isto é, indivíduos de estatura muito elevada em virtude do crescimento em comprimento dos ossos, principalmente dos membros inferiores. Se as epífises ainda não se fecharam, o excesso de GH causa um aumento do crescimento longitudinal, resultando em gigantismo. Em adultos, o excesso de GH provoca acromegalia.

Ainda no sistema nervoso central, encontram-se células piramidais muito grandes na região cortical motora, cujos axônios formam a via corticoespinhal. São consideradas os maiores neurônios do sistema nervoso humano, podendo atingir até 100 micrômetros ou mais de diâmetro. Isso é devido, em parte, ao fato de que os axônios dessas células devem percorrer uma distância considerável para atingir os seus alvos, sobretudo os neurônios motores da medula espinhal e do tronco cerebral. Os verdadeiros gigantes piramidais da área motora do córtex cerebral foram identificados e descritos, pela primeira vez, em 1874, pelo eminente anatomista e histologista ucraniano Vladimir Alekseyevich Betz. Em sua merecida homenagem, os neurônios são referidos como células ou gigantes de Betz.

Betz nasceu em 14 de abril de 1834 e faleceu em Kiev em 14 de outubro de 1894. Foi médico e cientista, especializado em anatomia e histologia, e tornou-se também professor na Universidade de Kiev e clinicou como neurologista. Na época do seu nascimento a Ucrânia fazia parte do Império Russo.

(Texto baseado em fontes nacionais e internacionais/internet)

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Parque Balneário Hotel

Roberto Sion

Uma das maiores perdas da história de Santos, o prédio do Parque Balneário Hotel, que chegou a ser considerado o hotel mais luxuoso da América do Sul, entre 1913 e 1930. Ali, se hospedaram, nesse período, personalidades como Maurice Chevalier (famoso ator francês), Washington Luís (presidente do Brasil) e o rei Alberto da Bélgica. O Parque Balneário era o preferido da elite cafeeira paulista, que vinha a Santos no tempo em que toda a economia nacional girava em torno do café. Esta imagem mostra a entrada principal do Hotel nos anos de 1950.

Ao ver essa foto, quantas memórias para um santista que viveu sua infância entre o final dos anos de 1950 e começo dos anos de 1960! O Parque ainda vivia seu esplendor! Meu melhor amigo era Fernando Fracarolli (a família dos donos do hotel) e me orgulhava de conhecer cada canto do Parque Balneário, pois todos eram cenário das brincadeiras que não parávamos de criar, incluindo nosso time Balneário Futebol Clube, que treinava em seus lindos jardins e tinha o mérito de ser invicto... pois nunca conseguiu ganhar uma partida! Mais à frente, na adolescência, eu ficava escondido atrás de uma cortina da boate chique para aprender a tocar, ouvindo Hector Costita e tantos outros grandes músicos estrangeiros e nacionais

que o Hotel trazia. Muitas tardes, ficava na boate vazia estudando improvisação com meu sax sonhador e o grande baterista Edson Machado, meu querido amigo e mestre. Eram frenéticos duetos! Lá, também, sonhando a Bossa Nova realizamos shows em tardes de domingo, trazendo o público para assistir concertos com Alaíde Costa, Valter Vanderley, Vera Brasil, Pedrinho Mattar, Claudete Soares e nossa turma de amadores que, modéstia à parte, não fazia vergonha. Hermeto Pascoal, Cleiber, Aírto Moreira e Flora Purim fizeram uma temporada em todo o janeiro tocando todas as noites em sua já citada boate. Um pouco depois, o ator Paulo Lara criou, num dos anexos do Hotel, um teatro de arena: TIC, Teatro Íntimo de Comédia. Lá pude assistir Procópio Ferreira no monólogo "As Mãos de Eurídice", e, com amigos, realizar um dos pontos altos de minha vida musical: a montagem de "O Poeta e a Bossa", em que um ator dizendo poemas brasileiros se revezava conosco tocando e cantando Chico Buarque, Caymmi, Baden, Vinicius. Meus primeiros e inesquecíveis arranjos vocais, totalmente influenciados por meu mestre Luis Eça e seu Tamba Trio. Que tempos, hein!? A praia em frente era ainda limpa, ampla, ensolarada, generosamente nos convidando para o inexorável banho de mar após as "peladas" dominicais (com um olho na bola e outro nas meninas que passavam e nos inspiravam). Gilberto Mendes, nosso importantíssimo compositor contemporâneo, escreveu a peça "Saudades do Parque Balneário" quando assistiu à sua demolição: passagem de uma época concreta, de muito *glamour*, para o coração dessas memórias.



Roberto Sion
Músico

Avenida São Luís

Isabelle Ribot

Vista de fora, a cidade de São Paulo sofre de muitas críticas... ou é desconhecida. Muitos paulistanos reclamam da cidade e parecem não gostar do Centro. Mas quando se conversa um pouco, surge bastante amor. Por que e onde se perde esse carinho?

Morar na América Latina

Morar no Brasil

Morar em São Paulo

Morar no Centro de São Paulo

As cidades nascem pelo seu Centro. Nos seus centros elas guardam a marca de seus modos de produção, de seus ciclos de glória, de decadência e às vezes de retorno à ocupação habitacional e/ou comercial. Na Avenida São Luís, podemos observar as marcas da corrida à construção de prédios icônicos ocorrida ao longo dos anos de 1950. São testemunhas de uma época em que a elite paulistana circulava nessa avenida cheia de agências de viagem, lojas de companhias aéreas, lojas de moda, bares, restaurantes...

Meu projeto não é sobre saudade.

É um projeto sobre a relação dos paulistanos de hoje com a cidade de São Paulo e, de uma forma mais específica, com o "velho Centro Novo" da cidade, ou seja, uma parte do bairro situado do lado do Viaduto do Chá, onde temos o Teatro Municipal, o Edifício Itália, o Copan e a avenida São Luís.

O TEMPO CONSOLIDADO.

Qual é a relação entre a proximidade física dos frequentadores da região central de São Paulo e a distância social entre as pessoas? Quais são as necessidades hoje dos que moram ou trabalham aqui? Como se define a função dessas pessoas? Os urbanistas ou arquitetos acredi-

taram que moldariam uma cidade — e então uma sociedade —, pensando na disposição e aparência dos objetos urbanos. Às vezes, dessa concorrência de projetos arquitetônicos, sobrou a saudade de uma época passada. No fim, para muitos, a cidade simplesmente virou o lugar onde vivem e/ou trabalham.

Para entender melhor esse fenômeno e depois compartilhar meu sentimento, desenvolvi um questionário que distribuí pessoalmente para 600 moradores e/ou trabalhadores da Avenida São Luís. Escolhi essa avenida porque é emblemática, porque moro nela e porque simplesmente é um lugar onde se trabalha, vive e/ou transita. Conheço São Paulo desde 1986 e moro na cidade há 15 anos.

Em cada questionário há 28 perguntas.

Cento e oito pessoas responderam a esse questionário. Nenhuma das perguntas foi sobre idade, sexo, ocupação ou situação familiar: quis capturar emoções ligadas à avenida sem ser influenciada pela situação pessoal das pessoas interrogadas. Como respostas, recebi muito mais do que lacônicos "sim" ou "não": foram palavras e frases que formam um conjunto comovente. As respostas oscilam entre o racional e a paixão.

A partir desse reservatório de ideias e emoções:

1) escrevi um texto que é uma leitura dos sentimentos muitas vezes antagônicos que animam os paulistanos da Avenida São Luís (e talvez da cidade inteira de São Paulo). Mediante esses sentimentos também surgem os desejos.

2) transcrevi esse texto em uma pintura (sobre tela) de 2m x 20m de comprimento.

3) os questionários e as respostas formam um conjunto escrito em que emoções transparecem por intermédio da letra das pessoas, as palavras usadas: esses questionários fazem parte do trabalho tanto pelo conteúdo quanto pela forma.



Rua São Luís

SÃO PAULO - BRASIL

Fotolabor 109

Os questionários viraram trabalho fotográfico a ser mostrado.

Por meio das respostas e da forma com que foram escritas, fiz uma leitura dos desejos e das esperanças dos moradores e/ou trabalhadores da avenida São Luís, hoje.

Apesar da imagem negativa que ao longo dos 30 últimos anos cristalizou-se a respeito do Centro de São Paulo, temos neste Centro uma consciência e uma vida diferente do que muitas vezes se imagina.

Com esse trabalho, espero despertar a curiosidade do público e talvez modificar a percepção que, de fora, se tem sobre o Centro de São Paulo (que seja do ponto de vista de paulistanos, visitantes ou turistas). Tento trazer a lume algo que já existe mas parece ser negado: há vida no Centro, talvez um dos lugares mais "vivos" da cidade.

E a (má) reputação que tem essa vida não reflete sempre a realidade.

De qualquer forma, essa realidade reflete o que a vida urbana é hoje e talvez será cada vez mais.

As pessoas da Avenida São Luís me confidenciaram um som, fazê-lo ecoar me encanta.

Isabelle Ribot

Artista Plástica francesa há 15 anos no Brasil



Instituto da Criança comemora 40 anos renovado pela arte de Gustavo Rosa

Magda Carneiro-Sampaio

Fundado em 1976 por um grupo de pediatras liderados pelo saudoso Professor Eduardo Marcondes, o Instituto da Criança (ICr) do Hospital das Clínicas da FMUSP comemorou em dezembro passado seus 40 anos de existência, homenageando seus pioneiros, refletindo sobre os desafios atuais e futuros da saúde da criança e do adolescente e celebrando sua renovação pela arte de Gustavo Rosa.

Uma das preocupações centrais do ICr, além da sua qualidade médico-científica, é a humanização do atendimento. Assim, graças ao projeto "Pintando o bem na Saúde", recebemos do Instituto Gustavo Rosa um presente de aniversário muito especial: 120 reproduções de obras alegres, coloridas, lúdicas e cheias de afeto que caracterizam o inesquecível artista. Elas têm contribuído para um melhor acolhimento dos nossos pacientezinhos e suas famílias, e nosso Hospital, que se transformou em uma verdadeira galeria de arte, ganhou muita beleza aos 40 anos!

O "Pintando o bem na Saúde" é um projeto sociocultural que pretende disponibilizar ao público dos ambientes dedicados a tratamentos de saúde a obra de Gustavo Rosa. A proposta é expor em paredes e outras superfícies reproduções dos trabalhos do artista em adesivos de vinil inerte, transformando salas frias em espaços expositivos vibrantes que promovem a arte e democratizam o acesso à cultura. Além de estimular a criatividade das crianças, o projeto leva a pacientes, familiares e equipes médica e multiprofissional os comprovados benefícios da convivência com as artes visuais: redução da depressão, da ansiedade e dos custos com saúde. O sucesso do "Pintando o bem na Saúde" foi tão grande que o Instituto Gustavo Rosa decidiu inscrevê-lo na Lei Rouanet. Com isso, já em 2017, ele terá condições de ser instalado nos 13 andares do ICr. Para que isso aconteça, o projeto terá de ser financiado por renúncia fiscal do Imposto de Renda de pessoas físicas e jurídicas. Caso haja interesse

em colaborar de alguma forma com essa louvável iniciativa, o Instituto Gustavo Rosa pode ser contatado pelo e-mail: robertagabriel@gustavorosa.org.br.

Quando o ICr nasceu, na década de 1970, enfrentava-se uma elevada mortalidade infantil por causa, sobretudo, do binômio infecção (representada principalmente pela diarreia) e desnutrição — situação hoje já bem controlada em nosso País. Porém, surgiram outros desafios: as sequelas da prematuridade e do baixo peso ao nascer; a obesidade e outras doenças crônicas; as doenças genéticas raras; o câncer, e as mudanças no modo de vida que levam à chamada “terceirização” dos cuidados da criança. Isso sem mencionar os fenômenos que vêm acontecendo na Medicina em geral, como a importância cada vez menor dos dados clínicos e a consequente supervalorização dos antigamente chamados exames complementares, e a valorização dos pediatras especialistas em detrimento do pediatra geral, profissional tão relevante para o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e para a detecção precoce de eventuais anormalidades.

Hoje, o ICr é um hospital terciário, destinado ao atendimento de casos graves, complexos e de difícil elucidação diagnóstica (mais de 90% dos quais oriundos do SUS), com cerca de metade dos seus 240 leitos destinados à terapia intensiva. Em seu ambulatório são acompanhadas coortes significativas de crianças e adolescentes com doenças crônicas, que alcançam cerca de 20.000 casos. Além do seu prédio original, na esquina da avenida Enéas Carvalho de Aguiar com a rua Teodoro Sampaio, o ICr tem seu Serviço de Onco-Hematologia e Transplante de Células Hematopoéticas, localizado no Institu-

to do Tratamento do Câncer Infantil (ITACI), a duas quadras, na rua Galeno de Almeida. O ICr também é responsável pelo Berçário Anexo à Maternidade do HC, no Instituto Central, que atende recém-nascidos de mães com doenças crônicas e tem 75% dos leitos dedicados à terapia intensiva.

Além de dispor de todas as especialidades clínicas e do “Centro Diagnóstico Amigo da Criança”, o ICr oferece um Serviço de Cirurgia Infantil dedicado em grande parte à correção de malformações congênicas e ao transplante de fígado, já tendo realizado cerca de 700 procedimentos dessa natureza, sobretudo do tipo *inter vivos*. Também é um centro de tratamento de pacientes renais crônicos, realizando transplantes do órgão.

O aniversário dos 40 anos do ICr foi celebrado na contramão da grave crise econômica que nosso País atravessa. Apesar das enormes dificuldades, não houve redução nem no número nem na qualidade do atendimento ou qualquer prejuízo à qualidade do ensino, à pesquisa e à inovação — sem dúvida, o maior motivo da nossa comemoração.

Em nome de todo o corpo clínico e de funcionários do ICr e dos colegas professores Sandra Grisi, Uenis Tannuri, Vicente Odone e Werther Brunow de Carvalho, venho agradecer por todas as manifestações de carinho e de apoio, assim como pelo fantástico presente do Instituto Gustavo Rosa, recebido em data tão importante para todos os que aqui desempenham a totalidade ou parte significativa de sua vida profissional.

Magda Carneiro-Sampaio

Professora Titular do Departamento de Pediatria da FMUSP e atual presidente do Conselho Diretor do ICr





coluna do livro

Du traitement de la paralysie du nerf facial

Mais um raro trabalho da coleção de teses da Biblioteca da Associação Paulista de Medicina.

Agora a obra é de Sergio de Paiva Meira Filho, filho de Sergio Meira, um dos próceres da fundação da Academia de Medicina de São Paulo (Presidente, 1911-1912).

A bem ver, foi em seu consultório, no dia 23 de fevereiro de 1895, à Rua São Bento, n. 23, presentes os mais destacados esculápios de então, que se deu a reunião preparatória para que, no mesmo local, em 7 de março daquele ano (1895) se declarasse criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

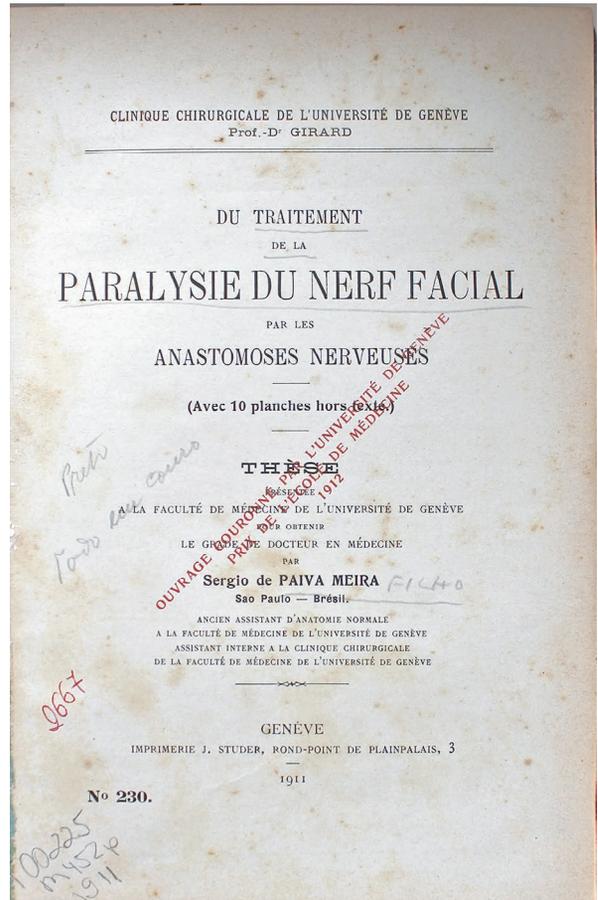
A tese em comento, do filho de Sergio Meira, foi apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de Genebra, a fim de obter o grau de Doutor em Medicina.

Obra impressa em Genebra, por J. Studer, em 1911, em excelente estado. Encadernação da época, em pleno couro decorado com arabesco.

Os cortes da cabeça, da goteira e do pé estão protegidos por aplicação de folhas de ouro. São 176 páginas e 10 pranchas. Não se sabe como foi ter à APM. Outrossim, observe-se que essa peça pertenceu ao médico Antonio Bahia.



Sergio de Paiva Meira Filho



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Alexandre Rodrigues de Souza, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.